

Destruição do cerrado já dura três décadas

Região conserva apenas 1,1% de sua extensão original protegida

Em 30 anos de ocupação com pecuária extensiva, monoculturas de exportação e estradas de integração nacional, os cerrados brasileiros alcançaram um nível de destruição poucas vezes visto na história da humanidade. Como consequência, conservam apenas 1,1% de sua extensão original protegida em 19 unidades de conservação. Juntas, elas somam 2,2 milhões de hectares. A Amazônia, que não é um hotspot porque as taxas de destruição não superam 75%, já tem 6% de sua área protegida. A fragmentada mata atlântica tem 2,3%.

Ainda que as primeiras incursões ao Planalto Central remontem ao século 18, as grandes fazendas só foram criadas com o início da construção de Brasília. Logo de início, a nova capital destruiu o hábitat de um pequeno

roedor, descrito em 1960 como um novo gênero, ironicamente nomeado *Juscelinomys candango*, numa dupla homenagem ao presidente Juscelino Kubitschek e aos operários construtores da capital. Não há registros do ratinho, na natureza, há 30 anos – o que o torna virtualmente extinto.

Apesar da destruição, o cerrado abriga uma notável biodiversidade. Mas corre o risco de repetir a história do ratinho, em diferentes pontos do seu 1,78 milhão de quilômetros quadrados originais.

No cerrado existem diversos

tipos de vegetação aberta e fechada. Mas nenhum deles parece ser mais crucial do que as matas de galeria, nas margens dos rios, justamente um dos tipos de vegetação mais atingidos pelos

desmatamentos. Elas são fundamentais para a preservação dos recursos hídricos, num meio onde as chuvas são abundantes, mas mal distribuídas.

A diversidade de fungos existentes na região chamou a atenção dos pesquisadores da Conservation International (CI). Cal-

HÁ 837
ESPÉCIES DE
AVES NA
REGIÃO



Veado-campeiro, uma das espécies ameaçadas de extinção

cula-se que existem seis espécies de fungos diferentes para cada planta hospedeira. Numa estimativa conservadora, seriam 24 mil espécies de fungos.

Entre os invertebrados, as borboletas imperam. Estima-se que 10 mil espécies vivem no cerrado, o correspondente a um quarto do total de espécies conhecidas na região neotropical. São ainda 129 espécies de térmitas e cupins, 139 de vespas, 100 de formigas e 809 de abelhas, das quais 420 só foram coletadas no cerrado. A riqueza em espécies de vertebrados é igualmente alta, ainda que haja menos endemismos: 837 espécies de aves, 161 de mamíferos, 150 de anfíbios e 120 de

répteis vivem no cerrado.

Símbolos – Alguns mamíferos e aves são considerados símbolos do cerrado. O tamanduá-bandeira, por exemplo, chega a quase 2 metros de comprimento e tem a anatomia adaptada para alimentar-se de formigas e cupins. O inofensivo e discreto lobo-guará e o ameaçado tatu-canastra, o maior do gênero, com cerca de 1 metro de comprimento, são outros dois símbolos.

“Felizmente, no Brasil, a sociedade começa a dar à biodiversidade o valor que ela merece ter”, observou Russell Mittermeier, presidente da CI. Mas ainda há muito por fazer, tanto na mata atlântica como no cerrado. (L.J.)

Divulgação

QESP
28/11/99
122000004
124